

MEMÓRIA SOCIAL E ENSINO DE HISTÓRIA: EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COM OS MÓDULOS TEMÁTICOS DO PROGRAMA “SANTA AFRO CATARINA”

Mônica Martins da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
moniclio@uol.com.br

Resumo: Este texto reflete acerca das potencialidades do trabalho com a memória social no Ensino de História por meio da experiência de incorporação dos módulos temáticos “Devoção ao Rosário e Festas de Africanos na Ilha de Santa Catarina” e “Viver de Quitandas” que integram o Programa de extensão “Santa Afro Catarina” em projetos de Estágios de alunos do curso de História da UFSC. Por meio desses projetos foi possível desenvolver atividades de Educação Patrimonial com alunos da educação básica do Colégio de Aplicação da UFSC que promoveram a reflexão e problematização acerca do espaço urbano, reconhecendo, por meio de tramas históricas diversas que entrelaçam o passado e o presente, a presença de diferentes memórias que constituem a história de Florianópolis.

Palavras-Chave: Ensino de História. Patrimônio Cultural. Memória Social. Povos africanos e afrodescendentes. Ilha de Santa Catarina.

Social Memory and History Education: Experiences and Heritage Education with the thematic modules of the Program "Santa Afro Catarina"

Abstract: The text is about work potentialities with the social memory in History Teaching by the incorporating experience of thematic modules such as “Devoção ao Rosário e Festas de Africanos na Ilha de Santa Catarina” and “Viver de Quitandas” that integrate the extension Program "Santa Afro Catarina", in traineeships' projects of History students of UFSC. It was possible to develop Heritage education activities through these projects with students of primary schooling of the Colégio de Aplicação of UFSC that promoted reflection and questioning about the urban space, recognizing by various historical plots that intertwine the past and present, the presence of different memories that make up the history of Florianópolis.

Key words: History teaching, Cultural heritage. Social memory. African and Afro-descendant peoples. Santa Catarina Island.

Introdução

O trabalho com a memória social no Ensino de História constitui uma importante tarefa da disciplina na educação básica evidenciando um dos elementos que compõe a singularidade da História ensinada nas escolas em seu papel de formação para a reflexão, o reconhecimento das diferenças e da alteridade, a crítica e a problematização do presente e do passado, dentre outras dimensões

necessárias para a formação de crianças e adolescentes no processo de escolarização.

Nesse texto vou desenvolver reflexões acerca de experiências de Educação Patrimonial que, sob minha orientação, foram desenvolvidas por professores em formação, alunos do curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Santa Catarina com estudantes do Colégio de Aplicação dessa mesma universidade. Reflito sobre o potencial dessas atividades para o trabalho com a memória social da cidade de Florianópolis, analisando as possibilidades de trabalho com a temática dos povos africanos e afrodescendentes no Ensino de História, por meio dos recursos oferecidos pelos módulos temáticos do Programa “Santa Afro Catarina”, que apresenta uma narrativa histórica acerca de diferentes dimensões da vida desses sujeitos e também nos ofereceu um acervo de documentos, selecionados e utilizados a partir de diversas estratégias de mediação didática, que resultaram na construção do material de trabalho. Além disso, por meio dos roteiros históricos foram construídas diferentes propostas de Educação Patrimonial.

O Programa “Santa Afro Catarina” e a Educação Patrimonial como prática formativa

Os primeiros “Roteiros Históricos na Ilha de Santa Catarina” foram criados entre os anos de 2011 e 2012 com o objetivo de associar a produção do conhecimento histórico ao ensino de História e a projetos de Educação Patrimonial. Dentre eles, gostaria de destacar dois que foram os mais utilizados nas experiências sobre as quais estou refletindo. São eles: “Devoção ao Rosário e Festas de Africanos na Ilha” e também o roteiro “Viver de Quitandas” (DELGADO; MAMIGONIAN, 2012, p. 5).

A escolha dos módulos temáticos a serem trabalhados constituiu uma etapa prévia da construção dos projetos orientados e, por meio dela, os alunos/professores em formação puderam estabelecer outros recortes, atribuindo ênfase em determinados aspectos que poderiam ser melhor explorados. Em comum, todos os trabalhos procuraram situar a presença dos povos africanos e afrodescendentes, de forma mais ampla, por meio do processo da diáspora e buscaram, em diálogo com a historiografia mais recente sobre a escravidão, abordar esses sujeitos não apenas inseridos no mundo do trabalho, mas também dar visibilidade às suas formas de

sociabilidade, práticas culturais e estratégias de negociação no cotidiano da sociedade escravista em Desterro.

O trabalho com a Educação Patrimonial foi desenvolvido por meio de diferentes estratégias de problematização da relação entre passado e presente, buscando discutir noções e compreensões prévias dos estudantes acerca da sua relação com a cidade e a compreender os discursos acerca da presença/ausência de memórias de africanos e afrodescendentes nos monumentos, na arquitetura, nas histórias populares, dentre outras dimensões da sua vida social e cultural.

As propostas se diferiram um pouco, mas também tiveram vários pontos em comum. Dannenhauer e Postal (2013) iniciaram a abordagem do presente por meio do uso da animação *Os Azurianos* (2003) para problematizar a noção de açorianidade que foi construída no decorrer de um longo processo e é responsável por associar a cultura dos antigos moradores da Ilha aos costumes de colonizadores açorianos que chegaram à Ilha de Santa Catarina no início do século XVIII, desconsiderando, nessa narrativa, a presença de africanos e indígenas que já habitavam o local. Já Klauck e Fagundes (2013), que também utilizaram o módulo temático “Devoção ao Rosário e Festas de Africanos na Ilha de Santa Catarina” procuraram problematizar a compreensão que os alunos tinham acerca das festas populares de Santa Catarina e observaram que apenas as grandes festas turísticas como a Oktoberfest, realizada em Blumenau-SC, ou festas de outros municípios em homenagem às colheitas e, via de regra, associada ao trabalho dos imigrantes alemães ou italianos, eram conhecidas pelos estudantes. Nesse sentido, o desafio foi apresentar a eles que africanos e afrodescendentes que viveram em Santa Catarina nos séculos XVIII e XIX realizavam muitas festas e folguedos populares, dentre elas os batuques, que foram alvo de polêmicas e proibições das autoridades policiais e eclesiásticas no século XIX. Provavelmente, o cerceamento das práticas culturais de africanos e afrodescendentes no período são indícios de seu desaparecimento. No entanto, a reflexão permitiu compreender que as escolhas das referências culturais e das narrativas históricas de determinado lugar, com os seus personagens centrais, tramas e enredos, quase sempre são fruto de seleções arbitrárias e historicamente construídas. Além do trabalho com essas hipóteses interpretativas, procurou-se demonstrar que nas ruas, becos e praças de Desterro muitos sujeitos africanos circulavam e se confraternizavam, seja em atividades das

Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos seja em festas de homenagem a santos e santas.

Um dos poucos indícios da presença africana e afrodescendente na arquitetura da cidade é a igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, localizada no centro de Florianópolis. Assim, Dannenhauer e Postal (2013), inicialmente, procuraram perceber se os alunos conheciam ou frequentavam aquele espaço para demonstrar que fora um importante local de sociabilização dos sujeitos africanos no passado e também no presente. Como parte da proposta de Educação Patrimonial, também procuraram demonstrar que essa igreja faz parte de um conjunto de bens culturais que são tombados por órgãos responsáveis pelo Patrimônio Cultural da cidade, do estado e do país, como Sephan, Fundação Catarinense de Cultural e IPHAN. Compreender a origem, a atuação e os objetivos do trabalho dessas instituições também constituiu tarefa relevante à medida em que interessava compreender que esse passado histórico sobre o qual se trabalhava havia sido agenciado por grupos e instituições com objetivos específicos de definir e consagrar os bens culturais do país. Klauck e Fagundes (2013), também procuraram problematizar o patrimônio cultural da cidade por meio de uma estratégia denominada “Jogo do Patrimônio” que mobilizou símbolos culturais de Florianópolis já reconhecidos como parte do Patrimônio da cidade como a Ponte Hercílio Luz, o sítio arqueológico e paisagístico da Ilha do Campeche, a confecção da Renda de Bilro, o Mercado Público de Florianópolis, a pesca artesanal da tainha e também a Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito como parte desses símbolos culturais da cidade. Por meio dessa atividade, procuraram acionar os conhecimentos prévios dos estudantes acerca do Patrimônio Cultural da cidade e puderam constatar que os próprios discursos patrimoniais privilegiaram uma História oficial com pouco reconhecimento à presença africana, afrodescendente e indígena na história e memória da cidade.

Para os grupos que trabalharam com o módulo temático “Viver de quitandas”, o atual mercado público de Florianópolis foi uma referência relevante visto que, por ser um importante ponto turístico da cidade é um local bastante conhecido e frequentado por muitos dos alunos envolvidos no trabalho. O desafio foi problematizar esse espaço compreendendo as razões porque ele é considerado patrimônio cultural da cidade, assim como apontar que durante boa parte do século XIX, outro mercado público, construído em parte da atual praça XV de novembro e

demolido para dar lugar ao atual, foi objeto de intensas disputas políticas em torno do processo de cerceamento e higienização do espaço urbano, no qual emergiu a presença dos escravos a ganho, dentre eles as quitandeiras. O ofício de “viver de quitandas” emergiu como prática de trabalho de mulheres, escravas, libertas ou livres, apontando a sua importância fundamental para o comércio de gêneros alimentícios produzidos na Ilha e no litoral adjacente.

A proposta de educação patrimonial dos trabalhos analisados fundamentou-se no questionamento do processo de instituição da história e da memória pelo campo do patrimônio, problematizando os “critérios que regem a seleção de bens e justificam sua proteção; identificando os atores envolvidos nesse processo e os objetivos que alegam para legitimar o seu trabalho; definindo a posição do Estado relativamente a essa prática social e investigando o grau de envolvimento da sociedade” (FONSECA, 1992, p. 23).

Assim, consideramos que as experiências de aprendizagem associadas aos bens culturais devem compreender a investigação acerca das políticas públicas de produção de determinado passado e memória pela ação de agentes, instituições e instrumentos próprios do campo do patrimônio (SILVA; DELGADO, 2011).

Compartilhamos, também, a concepção de Ivo Mattozzi (2008) que a “educação para o patrimônio” deve, a partir da ligação entre a história e os bens culturais, incluir no currículo estratégias de pesquisa que façam uso dos bens culturais, com o objetivo de orientar os alunos para a produção de conhecimentos que dizem respeito ao território e a escala local, possibilitando aos alunos melhor compreender o cenário da sua vida. (MATTOZZI, 2008, p. 137).

Esse trabalho alcançou o ponto alto durante os roteiros históricos que ocorreram no centro da cidade. Após trabalharem em sala de aula diversos textos, documentos e atividades, os alunos das turmas selecionadas, guiados por monitores do “Santa Afro Catarina”, revisitaram espaços que sujeitos africanos e afrodescendentes frequentavam na cidade, refazendo possíveis trajetos e imaginando, a partir do presente, como seria percorrer ruas, praças e becos para vender produtos diversos, estabelecer encontros, participar de irmandades, frequentar igrejas, cultuar seus santos e fazer batuques nos séculos XVIII e XIX.

Para muitos dos estudantes que participaram do trabalho, essas questões não seriam imaginadas em outro contexto. Assim, os roteiros históricos cumpriram uma importante função de ressignificar o espaço urbano frequentado por muitos

desses adolescentes, demonstrando que apesar da ausência de edificações, monumentos ou outros “lugares de memória”, seria possível reconstituir algumas trajetórias individuais e coletivas a partir de narrativas históricas constituídas por meio da pesquisa documental e que fazem a tessitura dos enredos apresentados aos estudantes.

Essa experiência de percorrer os roteiros históricos como parte de uma proposta mais ampla de Educação Patrimonial foi agenciada pelos alunos/professores em formação de diferentes maneiras. Klauck e Fagundes (2013) estimularam os estudantes a desenvolver pesquisas sobre diferentes pontos visitados no roteiro, compreendendo a sua relação com o passado escravista de Desterro e os atuais usos no presente, provocando uma reflexão sobre o palimpsesto urbano que compõe muitas das cidades brasileiras, analisando as múltiplas camadas de tempo. Broering e Porciúncula (2014) estimularam os alunos a construir roteiros turísticos do centro da cidade apresentando narrativas que dão conta da presença desses sujeitos na história de Florianópolis. Goetzinger e Borghezian (2012) aproveitaram a grande força simbólica que o atual mercado público possui na imagem turística da cidade para traçar diferentes paralelos entre o passado e o presente, demonstrando que a presença africana foi determinante para o funcionamento de várias estruturas comerciais da cidade.

O trabalho de Educação Patrimonial, empreendido por meio das experiências analisadas, constituiu-se como uma estratégia potente para o Ensino de História na contemporaneidade visto que agenciou temáticas relevantes para a formação de estudantes da educação básica por meio da compreensão da complexidade da memória social da cidade de Florianópolis. Além de ser uma experiência nova para os alunos em processo de formação para a docência, possibilitou articular o ensino de história a questões relevantes para o cotidiano dos alunos da educação básica, acionando conhecimentos prévios e práticas sociais de referência, resignificando o olhar sobre a cidade onde vivem por meio da problematização de narrativas históricas consagradas sobre a história de Santa Catarina que muito reconhece a presença açoriana, alemã e italiana no processo de colonização, ocupação e desenvolvimento do estado, mas pouco estimula a reflexão sobre a cultura e a sociabilidade de outros grupos étnicos e sociais.

REFERÊNCIAS

OS AZURIANOS. Direção de Oto Novaes Luna, Anderson AthosGotz e Rodrigo Nascimento Santiago. Florianópolis: Oficina de Vídeo-História do curso de história da UFSC de 2002-2 e 2003-1, 2013. (6 min).

BROERING, Jordana; PORCIÚNCULA, Paula. **Africanos e afrodescendentes na América Portuguesa**: sociedade, cultura e cotidiano. Florianópolis: UFSC, 2014. Relatório de Estágio Supervisionado de História III.

DANNENHAUER, Allan; POSTAL, Daniel. **Devoção ao Rosário e festas de africanos na ilha**: cultura, diversidade e patrimônio no ensino de História de povos africanos e afrodescendentes. Florianópolis: UFSC, 2013. Relatório de Estágio Supervisionado de História III.

DELGADO, A. F.; MAMIGONIAN, B. G. "Santa Afro Catarina": espaço urbano, história e educação patrimonial. In: XIV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA (ANPUH-SC), 14., 2012, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UDESC, 2012. Disponível em: <<http://www.anpuh-sc.org.br/encontro2012/uploads/simposio-15-trabalho-01.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2013.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

GOETZINGER, Camila; BORGHEZAN, João Luiz Fernandes. A Grande minoria: africanos, afrodescendentes e indígenas como sujeitos na construção da História da América portuguesa - uma abordagem de educação patrimonial e História local. Florianópolis: UFSC, 2012. Relatório de Estágio Supervisionado de História III.

KLAUCK, A.; FAGUNDES, L. F. **Irmandades religiosas e festas de africanos em Desterro**: educação patrimonial e ensino de História de povos africanos e afrodescendentes. Florianópolis: UFSC, 2013. Relatório de Estágio Supervisionado de História III.

MATTOZZI, Ivo. Currículo de História e Educação para o patrimônio. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 47, p. 135-155, jun. 2008.

SILVA, Mônica Martins; DELGADO, Andréa F. Educação patrimonial e ensino de História na cidade de Goiás: olhares convergentes sobre práticas de memória na escolarização básica. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ENSINO DE HISTÓRIA, 9., 2011, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2011.